

23 DE MARÇO - DIA METEOROLÓGICO MUNDIAL



“A floresta leva décadas ou centenas de anos pra se recuperar”: O que difere os incêndios na Amazônia e no cerrado

Vinícius Lemos

De Cuiabá para a BBC News Brasil

Região amazônica não possui a mesma capacidade de lidar com o fogo do que o Cerrado

Um incêndio na Amazônia costuma ter chamas baixas - às vezes não passam de 30 centímetros -, que avançam com lentidão. A destruição causada pelo fogo é grande e leva tempo para ser superada. No Cerrado, as chamas são altas e avançam com velocidade. No entanto, a área se recupera com rapidez.

Enquanto o Cerrado é preparado para lidar com o fogo, a região amazônica não possui a mesma capacidade, conforme especialistas ouvidos pela BBC News Brasil.

Biomos mais comuns no Brasil, os dois lideram a lista dos atingidos pelas queimadas que têm sido registrados em diversos pontos do país neste ano. Em primeiro lugar aparece a Amazônia, com 52,6% dos focos de incêndios de 2019. No Cerrado foram notificados 29,8% dos casos. Os dados foram divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

As chamas registradas na Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, tiveram repercussão internacional. A situação provocou reações em líderes de todo o mundo. O presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou que o presidente Jair Bolsonaro (PSL) mentiu sobre compromissos ambientais assumidos durante o encontro do G20, em Osaka, no Japão.

Neste ano, houve aumento de 85% nos registros de focos de incêndio em todo o Brasil, quando comparado a dados de 2018.

De janeiro a agosto deste ano, foram registrados, até sexta-feira (23), 76,7 mil focos de incêndio no Brasil. Os estados com mais queimadas são Mato Grosso (14,6 mil), Pará (10,2 mil), Amazonas (7,2 mil), Tocantins (5,9 mil) e Rondônia (5,8 mil). Os cinco compõem a Amazônia Legal, com áreas de Floresta Amazônica.

Com a atual situação ambiental no Brasil, o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia e até a exportação de carne brasileira podem estar em risco.

Diante da pressão internacional, Bolsonaro autorizou, na tarde de sexta-feira (24), o uso de militares em uma operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) - quando há situações graves que demandam que o presidente da República convoque forças de segurança - para combater as queimadas na região da Floresta Amazônica.

Mas, afinal, por que os incêndios na região amazônica costumam ter consequências muito maiores que os registrados no Cerrado?

As diferenças

Pesquisadora da Universidade de Oxford, a brasileira Erika Berenguer estuda os efeitos do fogo na região amazônica. Ela ressalta que os incêndios na Floresta

Amazônica não acontecem de maneira natural. "É preciso que alguém coloque o fogo. Ao contrário de ecossistemas como o Cerrado, a Amazônia não evoluiu com o fogo, e ele não faz parte da dinâmica dela", diz.

"No Cerrado, o fogo é natural. Assim como ele ocorre naturalmente, por exemplo, em savanas ou nas florestas da costa da Califórnia. Mas na Amazônia, o fogo não faz parte dessa dinâmica", relata à BBC News Brasil.

A especialista ressalta que a vegetação da Amazônia não tem mecanismos de proteção ao fogo, enquanto o Cerrado tem seus meios de defesa. "No Cerrado, há árvores com uma casca supergrosseira, quase uma cortiça. Essa casca serve para proteger o cerne da árvore do fogo. Se o fogo queimar a casca, ela é tão grossa que não deixa a chama, nem a alta temperatura, chegar no cerne da árvore", detalha.

Britânico Jos Barlow, doutor em Ecologia e professor da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, ressalta que plantas da Amazônia nunca estiveram preparadas para enfrentar incêndios

Enquanto no Cerrado existem árvores com dezenas de centímetros de casca, diz, na região amazônica as cascas têm poucos milímetros. "Isso significa que o fogo tem muito mais facilidade para levar essa árvore da Amazônia à morte, porque vai destruir o cerne dela."

"Essa falta de proteção ao fogo na Amazônia significa que a mortalidade de árvores é muito alta. Se uma área de floresta queima, até 50% das árvores dela morrem", acrescenta.

O britânico Jos Barlow, doutor em Ecologia e professor da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, ressalta que as plantas da Amazônia nunca estiveram preparadas para enfrentar incêndios.

"Elas não têm histórico de fogo ao longo de milhões de anos de evolução. Por isso, quando as chamas passam por lá, desmatam muitas árvores, mesmo sendo um incêndio de baixa intensidade", explica.

As chamas

Em razão das diferenças entre os biomas, as formas como o fogo atinge o Cerrado ou a Amazônia possui distinções. "No Cerrado, as chamas são altas, mais quentes, e o fogo avança com velocidade", conta Barlow.

"Já na Amazônia, a estrutura do combustível é diferente. As chamas são menores, e o fogo não avança muito rápido. Então, quando ele chega em uma árvore, fica por lá um tempinho, fato que ajuda a fazer um grande efeito negativo", relata o estudioso.

Sobre as consequências dos incêndios nos dois biomas, Barlow afirma que mesmo com fogo de alta intensidade e chamas altas no Cerrado, o impacto é pouco. "As árvores conseguem sobreviver. Depois de seis meses ou um ano, não é possível perceber que passou fogo ali", comenta o britânico. Na Amazônia, além da morte de quase metade das árvores da floresta incendiada, as consequências do fogo são notadas até mesmo depois de décadas.

Pesquisadora da Universidade de Oxford, a brasileira Erika Berenguer estuda os efeitos do fogo na região amazônica

Consequências

As mortes de árvores da Amazônia representam graves consequências ao meio ambiente e colaboram para alterações climáticas. "Essas árvores são grandes armazéns de carbono. Uma grande árvore na região amazônica pode ter de três a quatro toneladas de carbono armazenado. Se ela for queimada, todo

esse carbono vai para a atmosfera, contribuindo para acelerar as mudanças climáticas", diz Erika.

"A Amazônia inteira estoca o equivalente a 100 anos de emissões de CO2 dos Estados Unidos. Então, queimar a floresta significa colocar muito CO2 de volta na atmosfera", acrescenta a pesquisadora.

Há mais de uma década, Erika estuda a Floresta Amazônica. Ela comenta que as queimadas que ocorrem na região são, em sua maioria, feitas por produtores rurais para o desmatamento. *"Primeiro, eles derrubam as árvores com um "correntão", no qual interligam dois tratores em uma imensa corrente. Com os veículos andando, a corrente entre eles vai levando a floresta ao chão."*

"A floresta derrubada fica um tempo secando no chão, geralmente por meses adentro da estação seca, para perder umidade suficiente para que possam colocar fogo nela. Fazem toda aquela vegetação desaparecer, para que possam plantar capim. Cerca de 70% da área já desmatada da Amazônia brasileira é usada para pastagem", declara.

Erika detalha que o fogo do desmatamento pode escapar e atingir árvores que não tinham sido alvos dos "correntões" e haviam permanecido em pé.

A pesquisadora ressalta que o período de seca na Amazônia, que começa em julho e pode seguir até outubro, costuma culminar no aumento dos incêndios florestais. "O que tem de diferente em 2019 é a dimensão do problema. É o aumento do desmatamento, aliado aos inúmeros focos de queimadas e ao aumento das emissões de monóxido de carbono, o que mostra que a floresta está ardendo", afirma. Ela acredita que a tendência é que a situação na piore nos próximos dois meses.

Problemas semelhantes ao da Amazônia, porém em menor escala, são vivenciados pela região da Mata Atlântica, o terceiro bioma em que há mais focos de queimadas - 10,8% dos registros. Erika explica que se trata de uma área parecida com a região amazônica, em razão do modo como é afetada pelo fogo.

"Ela (a Mata Atlântica) não queima naturalmente, e o fogo que a atinge também é causado por ação humana. Mas como ela tem 7% de cobertura de sua área original (a Floresta Amazônica tem cerca de 40%), suas florestas são muito menores. Os incêndios dela causam muitos impactos na biodiversidade e mudanças climáticas, mas por ser muito menor, escutamos muito menos sobre incêndios nela", diz a pesquisadora.

Preservação

Para especialistas, medidas de preservação ambiental devem ser tomadas com urgência pelo Governo Federal. "Desde janeiro, com o atual governo, tem existido um grande desmonte nas agências ambientais brasileiras. Tanto no Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) quanto no ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade)", lamenta Erika.

Ela também cita o bloqueio do Fundo Amazônia - uma reserva de dinheiro doado internacionalmente para projetos de preservação da floresta -, suspenso em razão da política ambiental de Bolsonaro. *"Esse fundo é de extrema importância, pois é responsável por financiar operações de combate ao desmatamento. Com recursos dele, foram comprados caminhões e aviões que são usados no combate às queimadas nos estados amazônicos", declara Erika.*

A ausência de políticas de preservação ambiental poderá trazer um cenário ainda pior nos próximos anos, conforme os estudiosos.

Após a repercussão extremamente negativa da situação das queimadas no Brasil, o presidente afirmou, em pronunciamento na noite de sexta-feira (23),

que terá *"tolerância zero"* com crimes ambientais. Ele declarou que o governo atuará fortemente no combate aos incêndios da Amazônia.

Recuperação da floresta

Ainda que haja redução no crescente número de queimadas na região amazônica, as consequências das áreas já afetadas irão perdurar por tempo indeterminado. A dificuldade de se recuperar é um dos maiores problemas enfrentados pelas regiões da floresta que foram atingidas pelo fogo.

"A gente tem árvores enormes caindo. Elas vão morrer. Depois, podem nascer árvores finas. Essas árvores novas crescem rápido, mas tem baixa densidade de madeira. Elas retêm pouco carbono. Não é porque temos uma árvore nascendo que ela vai corresponder à que morreu", esclarece Erika.

Conforme estudos feitos por especialistas que analisam as queimadas na Amazônia, mesmo três décadas após ser atingida pelo fogo, as florestas queimadas têm 25% menos carbono que as que não foram alvos de chamas. "Isso mostra que a gente precisa de décadas ou até mesmo centenas de anos para que as florestas se recuperem de um incêndio", lamenta a pesquisadora.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49459942>

Foto: Mario Tama / Equipe/Getty Images

#CRBio06 #Biologia #Biologos #Acre #Amapa #Amazonas #Para #Rondonia
#Roraima #Amazonia #RegiaoNorte #Sustentabilidade #MeioAmbiente
#Biodiversidade #Floresta #DiaMeteorologicoMundial #Meteorologia

Comissão da Transparência CRBio-06 / Assessoria de Comunicação e Imprensa

Coordenador: Marcelo Ferronato

Publicado em: 23/03/2020